



" E U "

Clayton Craveiro

Clayton Craveiro

“Eu”

Clayton Craveiro

Nota do autor

Olá !

Este foi o primeiro livro que tornei público. Já faz um tempinho; foi na Bienal do livro em 2005.

Um dia antes do lançamento, sofri um acidente de automóvel que poderia fazer com que suas cópias vendessem bem mais do que venderam, pela curiosidade mórbida da assistência. Como podem observar, não sou Brás Cubas; entretanto é bem verdade que utilizei emplastos para amenizar as dores causadas pelas duas eletrizantes capotagens das quais fui o protagonista. Melhor assim. Quando dói, sei que estou bem vivo!

Voltando ao livro; depois de algum tempo, percebi que este merecia uma breve revisão e tive a preocupação de retornar ao texto, atualizando algumas passagens sem modificar-lhes de forma efetiva o conteúdo e mexendo aqui e ali na diagramação. Nada que destrua sua primeira edição, que parcialmente armazeno estocada dentro de um armário junto com ferramentas, manuais, álbuns de fotos e outros livros de autores que admiro, mas não cabem na minha estante – preciso urgentemente comprar outra e achar espaço aqui em casa para pô-los da forma que merecem.

Quem já leu essa narrativa, terá oportunidade de revê-la com um pouco mais de frescor. Quem não o leu, percebeu que algumas de suas referências remontam àquela época ou até mesmo alguns anos antes. Não, o livro não é datado. Seu tema está presente até hoje – do jeito que digo, talvez pareça que ele foi escrito na idade das trevas, mas é fato que as coisas mudam com uma velocidade absurda nos últimos tempos.

Algo que resolvi suprimir foi seu subtítulo. Pareceu-me bom na ocasião. Fazia uma homenagem aos artistas de cordel, que permaneço admirando. Mantive este tipo de homenagem preservando o nome de seus capítulos que também fazem

referência a este tipo de literatura. O título original “Eu – ou a peleja entre o filho do Senhor e Satanás”, com o tempo, percebi e também me foi dito, era um pouco pesado demais e as pessoas que talvez tivessem interesse em lê-lo, o rejeitavam pois para elas parecia algo com um “quê” de maniqueísmo religioso que certamente o público se afastaria.

Mesmo que o título “Eu” seja também um pouco pesado – e, confesso, m“eu” sobrepeso já me incomoda também – com a leitura de alguns parágrafos já se percebe algo mais leve do que trazer os antagonistas de céu e inferno para as poucas páginas de um livro tão bem humorado quanto este pretende ser.

Assim procurei deixá-lo ao seu gosto, para uma leitura descompromissada, pois é assim que eu gosto, e creio, assim que você também apreciaria lê-lo.

Por fim, ao revisitar o texto tive a curiosidade de saber como estaria o protagonista hoje. O que teria acontecido com ele? Como uma espécie de bônus, a você leitor que teve a gentileza e paciência de me brindar com sua atenção na época do lançamento do livro, resolvi estender um pouquinho a história e trazê-lo de volta, mesmo que em breves linhas, você terá as palavras de nosso herói.

“ESTO BEATA”

“EU”

Dedicatória

Essa pequena história é para minha família que está sempre comigo e meu amigo Lobão que com entusiasmo fizeram as primeiras leituras e me incentivaram a publicá-la.

Clayton Craveiro

Prólogo

Abri os olhos. Deitado sobre o flanco esquerdo e observei o mesmo cenário: a parede tomada pela umidade, um velho guarda-roupa de duas portas, um velho baú de vime no canto do minúsculo quarto. Tudo bem; ta barato!

Obrigado! Muito obrigado!! Mas sem exageros! Nada de jogar roupas íntimas. É mais um bom dia. Afinal de contas sobrevivi! Perdão, estou sendo mal educado, ainda não me apresentei como convém: Eusébio da Silva Júnior é o que consta na certidão. Todavia, chamam-me de “Eu”. Coincidentemente, também me chamo assim: “Eu”, sou eu! De mais a mais, antes ser eu do que não ser ninguém!

E como neste momento amigos me faltam, resolvi presentear-lhes com a única, com a inigualável, com a oportunidade ímpar de conhecer um pouco a minha trajetória sobre a mãe Terra. Ah! Não lhes interessa? Mas garanto que gostarão quando souberem de mim e ao que vim. Comigo virão e verão (a menos que seja inverno em seus corações).

Nasci trinta e um anos atrás, em maio de trinta e um anos atrás, nem menos nem mais. Etnicamente misturado, meio europeu meio mulato; olhos bem negros, cabelos louros e enrolados, pele curtida pela mistura. Espécime raro. Raro na Europa! É o que mais a gente vê vendendo amendoim Nakayama no Japeri. Aqui ao lado mesmo, mora um, o Bira. Quando tinha cabelos, eles eram muito parecidos com o de Shirley Temple. Ultimamente anda careca. Porém, a situação capilar do pobre há de ser normalizada (visto que, conseguiu, enfim, despejar uma família inteira de piolhos que instalaram-se entre suas madeixas) às custas de um Prestobarba. Sua calvície efêmera de certa forma me agrada pois não somos confundidos em separado e nem nos

“EU”

tornamos parentes quando juntos. Ô sujeito feioso!

Mas não falemos de tristezas.

Eis que rutila nas ruas desta cidade algo inimaginável. Algo que até a mim, pegou de supetão. É como na letra do bom samba: “...quando eu contar Iaiá / você vai se pasmar!”

Mas não se assustem com minha passagem pela porta da frente, com meu madrigal de falso repentista, falso herético, falso qualquer lugar - é lugar comum há quase dois mil anos - pois sou um falso poeta suicida e falso contador de histórias. E se acharem a minha história falsa, creiam ao menos nas versões que contam sobre mim. Todas são verdadeiras. Divirtam-se; tenham fé; tenham medo, sim, tenham medo. Mas creiam: ainda resplandeço!

GRUPOS	BICHOS	DEZENAS
1	AVESTRUZ	01, 02, 03, 04
2	ÁGUIA	05, 06, 07, 08
3	BURRO	09, 10, 11, 12
4	BORBOLETA	13, 14, 15, 16
5	CACHORRO	17, 18, 19, 20
6	CABRA	21, 22, 23, 24
7	CARNEIRO	25, 26, 27, 28
8	CAMELO	29, 30, 31, 32
9	COBRA	33, 34, 35, 36
10	COELHO	37, 38, 39, 40
11	CAVALO	41, 42, 43, 44
12	ELEFANTE	45, 46, 47, 48
13	GALO	49, 50, 51, 52
14	GATO	53, 54, 55, 56
15	JACARÉ	57, 58, 59, 60
16	LEÃO	61, 62, 63, 64
17	MACACO	65, 66, 67, 68
18	PORCO	69, 70, 71, 72
19	PAVÃO	73, 74, 75, 76
20	PERU	77, 78, 79, 80
21	TOURO	81, 82, 83, 84
22	TIGRE	85, 86, 87, 88
23	URSO	89, 90, 91, 92
24	VEADO	93, 94, 95, 96
25	VACA	97, 98, 99, 00

“EU”

Capítulo 1

“DE COMO CAGA SEBO VIRA SABIÁ NA FEIRA DA PRAÇA VARNHAGEN¹”

Perto da Mauá, a antiga Mauá de prostitutas pitorescas e malandros insaciáveis (ou seria o contrário?), hoje decadente e sem encanto, tem uma igrejinha que eu entrava vez por outra pra pedir uns favores ao Pai de todos já que o polegar andava virado pra baixo.

¹ N.A.: NA PRAÇA VANHARGEN, NO BAIRRO DA TIJUCA NO RIO DE JANEIRO, NA DÉCADA DE 1990 EXISTIA UMA FEIRA DE PÁSSAROS. ELES ERAM COLOCADOS LADO A LADO EM GAIOLAS DE BAMBU ONDE ERAM VENDIDOS COMO MERCADORIAS DE IMENSO VALOR E SEM QUALQUER CONTROLE. ALGUNS ANIMAIS CUSTAVAM O PREÇO DE UM AUTOMÓVEL ESTA FEIRA NÃO EXISTE MAIS.

Não que eu acreditasse, mas quando a gente tá sem P\$ 1,00 ² no bolso, tem que jogar cercando a milhar. Já tinha feito de um tudo! Fui à macumba, rodando terreiros; passei pelo templo (só que no culto, dízimo de zero é nada!); chamei por Krishna, porém um qualquer, só na próxima encarnação; voltei-me para Meca mas na “meca” eu já estava. Acabei na água benta já que o dinheiro pra aguardente era escasso. Toda vez que a cesta passava eu tirava uns trocados, pois quem dá aos pobres, empresta ao Senhor!

Foi num dia assim, quando eu já chamava muçum de meu preto, envolto em minhas contrições sob o altar de Santa Rita, que apareceu aquele sujeito esquisito, com cabelos negros compridos, um grande bigode negro e cavanhaque. De camiseta e bermuda de calça cortada. Seu semblante inalterado. Seria um tarado? Seria um viajante? A igreja vazia e o cara senta do meu lado. Se for chibungo apanha aqui mesmo, na casa do Senhor! Por acaso eu gosto de saliência com baitolo!?

- Você precisa cuidar da sua vida espiritual - disse sarcástico e pude reparar um dente de ouro, talvez o canino.

- Quando o corpo não come, o espírito vai embora sem pagar a conta - ou qualquer coisa assim, respondi.

- Você não sabe quem é, eu compreendo... - sujeito doido, pensei.

- Eu sou eu, ué! E você quem é ô comédia!?

- Um dia você vai saber.

Futucou no bolso da bermuda azul-surrada que usava, pegou uma balinha pra me oferecer. Peguei desconfiado mas peguei; dei uma cheirada; pareceu normal.

- ‘Brigado!

² UNIDADE MONETÁRIA USADA DESDE A ERA MEDIEVAL, QUANDO A “VASSALAGEM”, JÁ DE SACO CHEIO DOS SENHORES, TENTAVA SE DIVERTIR CUSPINDO PARA O ALTO PARA VER EM QUE DIREÇÃO CAÍA. GALILEU FOI O PRIMEIRO A SACAR A FORÇA GRAVITACIONAL, E ACABOU LEVANDO PITO DA INQUISIÇÃO - A ESCARRADA VEM SEMPRE DE CIMA PRA BAIXO! AINDA BEM QUE HOJE EM DIA NÃO TEMOS NEM MAIS FORÇA PRA CUSPIR.

Curioso que em nosso diálogo de manicômio, não percebi o eco natural das igrejas, parecíamos estar em uma cabine fechada.

- Ainda vamos nos encontrar - levantou-se e foi-se porta afora, sumindo na Marechal Floriano. Chamei mas ele não se voltou. Cara estranho aquele.

Bom, dei uma rezada, enfiei a guloseima no bolso e fui à vida. Não tinha o que fazer. Desempregado, mal-amanhado, barriga roncando, precisando tomar remédio pra vermes e dizimar a fauna que arbitrariamente habitava minha flora intestinal. As lombrigas e tênias não viam um bom prato há algum tempo e preparavam-se para um motim dentro dos meus porões. Nessa época, morava numa pensão sórdida na rua Camerino. Eu pagava as despesas e elas sublocavam meu abdômen.

Peguei inutilmente o resultado do jogo do bicho. Macaco. Os últimos trocados uma vaca levou. E eu aqui em frente ao poste, papel carimbado na mão, cara de cachorro na chuva, sem ter no bolso um tostão. Fazer o quê!? Ação entre amigos! Amigo de copo. Fui ao bar pedir ao Pimenta um conto pra cercar a fêmea bovina na corujinha. - Túmulo da minha vó, Pimenta! - fui veemente - sonhei com ela hoje! Me arrumou três contos. “Para que servem os amigos...!?” Para deverem favores e dinheiro.

Joguei coisa nenhuma. Fui até a padaria e pedi uma média com pão canoa para o caso de naufrágio. Sorvi o primeiro gole bem quente e queimei a língua ferina. Dopadas, minhas inquilinas devedoras, as áscaris, se aquietaram um pouco. O pão estava tão saboroso quanto lamber uma pedra ume. Enfim... Quem muito quer, tudo perde, já dizia... Bom, muita gente já disse!

Feita a minha primeira refeição do dia, fui na Beneditinos ver se alguma sala comercial precisava de faxina. Arrumei duas e garanti um troco. Estava safa a refeição da noite. Precisava de um bom P.F. no “Cospe Grosso”. As parasitas vibraram. Comemos. E, finalmente, sós, eu e as solitárias, fomos para casa.

Tirei o tênis invicto em lavagem, peguei um pote de